



Director literario:

Antonio Gomes
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Lallys
PAPUSSE

Barraca de Santoche



Às portas de Santo Antão
Pelo Natal, um lapuz,
Lançava ao ar seu pregão:
—«Merca o casal de perus!...»—



Encostado a uns portões,
E às portas do mesmo Santo,
Apregava balões,
Outro lapuz noutro canto.



Pim Pam e Pum, garotões,
Maldosos e incorregíveis,
Vendo as aves digeríveis,
E os dirigíveis balões,



Resolvem pregar partida,
Naquele momento de ócio,
Aos que, tratando da vida,
Cuidavam do seu negocio.



Pum ao extremo de um cordel
Trez bagos de milho, prende,
E exclama, em grande arranxel,
A'quele que os balões vende:



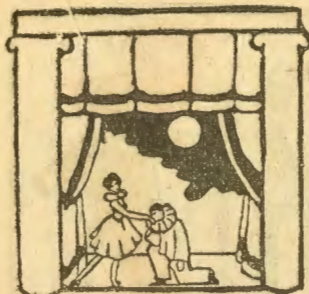
—Eu desejo comprar um;
Quero o de côr mais bonita!
Entretanto atava, Pum,
O outro extremo da guita.



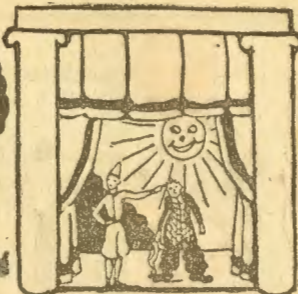
Mas ao ver que um dos perus
Já tinha os milhos no papo,
Larga os balões, e ao lapuz
Prega um tremendo sopapo.

É põem-se, ao longe, a rir
Daquela grande pilheria;
—Vendo um perú a subir
Numa viagem aérea!...





TEATRO INFANTIL



«VALENTIAS DO ZÉ PERALTA»

(Continuação do numero anterior)

(ORIGINAL DE ALBERTO AMADO)

ACTO SEGUNDO — (SEGUNDO QUADRO)

O Scenario é o mesmo do 1.º Acto

1.ª SCENA

TONINHO (*rebolando-se na cama e acabando por cair no chão*)

Mamã! Mamã! Oh Mamã!

A AMA (*aparecendo a correr*)

Toninho! Filho! Que tem?
(*procurando acalmá-lo*)
Durma, durma e amanhã...

TONINHO (*numa grande exaltação*)

Mamã! Mamã!

A AMA

A Mamã.

Aí vem

2.ª SCENA

A MAMÃ (*entrando*)

Filho! Toninho!
Anda cá, vem, meu amor,
A chegar-te ao meu carinho.
Mas, o que tens? E' uma dor?
Não olhes assim pasmado,
Pareces cheio de medo!
Dize cá, meu adorado,
Diz-me o que tens em segredo.

TONINHO (*como que seguindo uma visão*)

Volta atrás D. Capitão,
Não fiques tu a pensar
Que eu seja assim tão poltrão,
Que me não saiba vingar!
Onde está a minha espada
E mais o meu cinturão?
Hei-de dar tanta pancada,
Que esse senhor fanfarrão
Fugirá como uma lebre,
Vencendo eu o duelo.

A MAMÃ (*muíto aflita*)

E' o delírio da febre.

A AMA

Ou será um pesadelo?

TONINHO (*sempre no mesmo tom*)

Quero ver ajoelhada,
A meus pés, toda essa malta!
Ninguém fará surriada,
Outra vez, do Zé Peralta!

A MAMÃ

Acorda, acorda, Toninho,
Que me fazes aflição!

A AMA

Parece que bebeu vinho!
Até corta o coração!

TONINHO (*acordando pouco a pouco*)

Onde estou? Ah!... És tu ama?

A AMA

Sou eu, meu rico menino,
Venha meter-se na cama,
Já fugiu esse mofo
Capitão de que falava,

TONINHO (*vai a meter-se na cama, mas dando com os olhos na Mamã*)

A Princesa dos Amores!
E' verdade! Não sonhava!?

A MAMÃ

Volta os mesmos pavores,
Já me assusta vê-lo assim!

TONINHO

Pavores! Mas p'lo contrario,
Só tu estavas por mim
Contra o meu adversario,

A MAMÃ

Sou eu, a tua mãesinha!
Dá cá um chi-coração,

TONINHO
E vais só com o Papá?

A MAMÃ

Vou tambem com a madrinha.

TONINHO

Pois a madrinha está cá!
E o afilhado não vinha
Beijar?

A MAMÃ

Pois se ele dormia!
Mas ela aí vem beijar-te,

3.ª SCENA

A MADRINHA

Todos em tal companhia
E só eu fiquei de parte?!

A MAMÃ

Quem era esse capitão
Com que estavas batalhando!

TONINHO

Nunca tive um sonho assim!
Dormia profundamente;
A fada chega-se a mim...
(*para a Madrinha*)
— Eras tu exactamente —
E diz-me p'ra ir salvar
Uma formosa princesa...

A MAMÃ

Eu já estou a calcular
Que a princesa...

A MADRINHA

Com certeza
Eras tu, Ora a vaidosa!

TONINHO

Pois eras tu, mãesinha,
E esse fato cor de rosa...
Mas já ninguém adivinha
Quem é que eu representava!...
— O Zé Peralta, o boneco
Que na cama ha pouco estava...
(*correndo a procurar na cama e tomando Zé Peralta em triunfo*)

E inda está, ora o meco!
Eu tinha um lindo nariz,
Que era objecto de luxo,
Deste tamanho...

A MAMÃ

Por um triz,
Maior que o meu pequerrucho!

TONINHO

E que bigode felpudo!
Par'cia de javali!

A MADRINHA

Vendo-te com isso tudo
Eu fugiria de ti.

TONINHO

E lá fui p'los campos fóra,
Com todo o meu regimento
Triunfando sem demora.
Quando chegou o momento...

(*corre á mesa onde está a cesta com os Bonecos de Pálha e tomando o Capitão entre as mãos*)

Foi este o grande ladrão
Que me venceu no duelo!
Mas agora, capitão,
Dou-lhe uma coça que o melo!

(*começa a bater furiosamente no boneco*)

A MAMÃ

Não é bonito bater,
Num pobre boneco, assim!

TONINHO

Pois se ele fosse a valer,
Não teria dó de mim.

(*Termina no proximo numero.*)



A AMA

Senhora, razão eu tinha:
Fez-lhe mal o camarão.

TONINHO

E' certo: estou acordado!
Que sonho p'ra minha idade!
Tudo tão encadeado!
Par'cia tudo verdade!
(*apontando para a Mamã*)
Era assim, era tal qual,
A minha linda princesa,
Só lhe faltava, afinal,
O chapéu á tirozeza,
E os outros, uns badamecos!
Que sonho! Que baralhada!
Tu! O Peralta! Os bonecos!
Só não sei quem era a fada?
(*noutro tom para a Mamã*)
Vais sair? Vais tão caíta!

A MAMÃ

Vou sim, meu lindo amorzinho,
Vou ao Condes ver a fita
Do Charlot e o Meudinho,

TONINHO (*muíto admirado*)

A fada! A fada do sonho!
A fada azul!

A MADRINHA

E' um amor
Esse nome. Que eu supponho
Ser inspirado na cor
Deste vestido que trago.
Mas acho-te transtornado!
Não me fazes um afago,
Ou estarás tu zangado?

A MAMÃ

Tambem eu já o estranhei,
Tem qualquer coisa que o móe!

TONINHO

Foi um sonho que eu sonhei,
E lindo sonho que foi!

A AMA

Mas diga, menino, então,
Porque é que acordou chorando?



A ROSA BRANCA

ALGURES, no meio da serra, vivia um rachador, pobresinho mas honrado e sempre folgasão, cuja mulher, a boa Ti Ana da Levada, lhe enchera de filhos a miseravel choça.

O filho mais velho, creára fama de adoidado, porque, ao invéz dos irmãos, que seguiam contentes a profissão do pai, o Alcides,—assim quizera a



madrinha, a senhora da Quinta do Paul, que ele se chamasse — preferia divagar pelos asperos caminhos das montanhas, demandando as alturas onde as aguias constróem os seus ninhos.

Um dia ficou vago o logar que ele costumava ocupar á noite, vendo morrer as chamas azuladas na lareira. Chorou-o, sentidamente, a pobre mãe;

procuraram-no, debalde, o pai e os irmãos e depois... e depois, ninguém mais o recordou.

Alcides seguira muito longe, e, entretido com os seus pensamentos, deixára que as sombras lhe escondessem o caminho por onde devia voltar, e, perdido na noite, cansado e cheio de fome, acabára por adormecer entre o tojo aspero duma cova que no inverno servia de abrigo aos lobos pelas grandes nevadas.

Havia pouco que ele repousava, quando um ruido estranho o despertou. Tres vezes piou um mocho, e esvoaçaram, tontos de sono, alguns passaritos que tinham pousada nas urzes bravias da montanha.

Alcides, transido de susto, viu aproximar-se uma figura branca que, dir-se-ia suspensa no ar. Só lograra perceber-lhe o rosto muito palido, em que brilhavam uns olhos verdes, trocistas.

Pareceu-lhe que era uma mulher nova e bonita, mas não ousaria afirmá-lo, porque as fórmal se denuncia-

vam sob a túnica ampla, cujas pregas esvoaçavam como azas.

E a figura misteriosa falou assim ao Alcides:

—«Sei que te não julgas feliz e que te não agrada o modo de vida de teu pai e teus irmãos.

Se és corajoso e se te não amedronta uma grande caminhada, segue sempre em frente, e, ao fim de sete dias e sete noites, sem parares, entrarás numa grande claridade, onde se iniciam tres caminhos de prata. Qualquer deles te levará ao Jardim do Destino.

Se tomares pelo caminho da direita, has de encontrar uma roseira com uma unica rosa vermelha. Colhida essa rosa, poderás viajar por toda a parte, não haverá logar da terra aonde não sejas conduzido, bastando-te pronunciar as seguintes palavras:

—Em nome e por vontade da Dona dos Olhos Verdes, eu quero ir a tal sitio.

Se escolheres o caminho da esquerda, verás tambem uma roseira com uma unica rosa, mas essa toda amarela, e, aquele que a tomar, ficará possuindo tanto oiro, que com ele poderia estabelecer degraus para descer ao fundo do mar.

Seguindo pelo caminho do meio, será branca a rosa da roseira encontrada, e, as venturas do lar, serão concedidas áquele que a guardar.

Mas, agora, atende ao que vou dizer-te. Algum tempo depois de possuires o bem que tiveres escolhido, has de, numa noite, ouvir piar por tres vezes um mocho invisível. Nesse momento, interroga a tua consciencia e confessa a ti proprio se és feliz com o que te foi oferecido.

Se reconheceres que o não és, lança ao vento as pétalas da rosa que colheste e que deverás ter conservado guardadas numa bolsa de prata.

Alcides prometeu logo cumprir o que a Dona dos Olhos Verdes lhe recomendava, e viu-a desapparecer, como se tivesse atravessado alguma porta, aberta no ar, de proposito para ela.



(Conclui no proximo numero)



A boneca

CONTO de NATAL

tal certa cidade onde reside essa tal certa menina, estava para venda uma certa boneca vestida á moda do Minho, que abria e fechava os olhos, dizia: — papá... mamá!... e era tal qual como um bebé verdadeiro. Então a tal certa menina, que ia a passar pela tal certa montra, parou, olhou e ficou encantada. Foi preciso que a mestra a despertasse da-quele encantamento para que elas regressassem a casa. Era já noite.

Assim que chegaram, a menina foi logo a correr ter com seus pais e pediu-lhes, num grande alvoroço, o dinheiro preciso para a compra da linda boneca. Como, porém, o seu preço fosse bastante elevado res-



pondeo não podiam dispender tão grande quantia naquele momento e aconselharam-na a que fosse juntando, num mealheiro, todo o dinheiro que lhes fossem dando, pouco

a pouco, não só eles mas a avósinha e os restantes parentes. A menina ficou triste por ter de esperar tanto tempo, mas assim fez. Até que um certo dia chegou, em que já tinha dinheiro para comprar a boneca. Custou! mas, finalmente, iria ter a coibada boneca! A boneca com que sonhara tantas noites a fio. A linda boneca!... A boneca, rainha de todas as bonecas! A boneca, menina das meninas dos seus olhos!

Boneca-boneca mas diferente de todas as bonecas! Iria, finalmente, aconchegá-la ao peito, devorá-la com beijos, deitá-la num berço, embalá-la, acariciá-la e amá-la como uma mãe ama uma filha. Doida de entusiasmo, aos saltos, batendo as palmas, vestiu-se num pronto, e a trasbordar, radiante, gritou: — «Miss» vamos comprar a boneca!...

Sairam. Só levavam a conta á



Na oficina da grande fabrica de brinquedos que ha no céu onde trabalham os anjos na construção de bonitos e dirigida pelo mestre Pai Natal, ia uma grande azáfama pela aproximação da noite do Natal.

Bonecas de louça ou de pano, cavalos, boisinhos, ovelhas de pasta ou de pau, tambores, cornetas, harmónios... tudo os anjinhos faziam na maior perfeição.

De vez em quando o mestre da oficina ia perguntar ao menino Jesus se Mestre São Pedro, que é o velho santinho que guarda as chaves do céu, havia entregado mais listas com novas moradas de meninos bons, afim de ver se chegavam os bonitos que havia fabricado.

— «Aqui está outra, (disse de uma das vezes, com grande contentamento, o Menino Jesus) e nesta figura uma linda acção que merece ser bem recompensada.

— «Que acção foi essa?! (preguntou, sorridente, o mes-



tre Pai Natal que muito alegre ficava ouvindo enumerar boas acções de meninos).

E o menino Jesus pôz-se então a contar:

— Ha numa certa rua certa casa, numa certa cidade em certo lindo paiz, lá em baixo no mundo, onde, com seus papás, uma avósinha e uma mestra ingleza, mora certa menina que é o enlevo de todos os seus, porque é linda de cara e bela de coração.

— Ai, quem me dera vê-la, dizia Pai Natal já todo enternecido.

E Jesus continuava a contar:

— Ora em certa montra de certa loja, em certa rua nessa

AVENTURAS de Pim, de Pam e de Pum



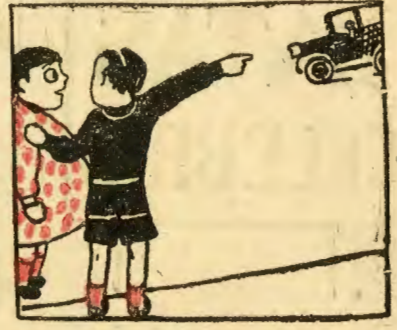
Em certa linda manhã,
Pim e Pum, lá entre si,
Resolvem convidar Pam
A um passeio em Taxi.

Pam aos pinotes, aos saltos,
De contente assim se expande!
—Rapazes como estão altos!...
Saiu-vos a sorte grande?!



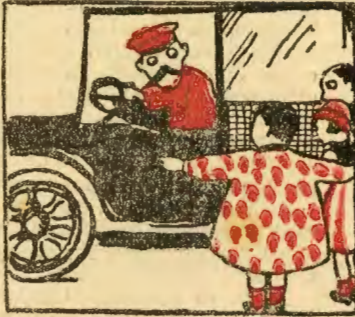
Responde Pim:—Temos só
Dois tostões e há-de sobrar
Para a gente ir de pó-pó...
Ao fim do Mundo e voltar.

Como fazem vocês isso?
Pam pergunta aos outros dois;
Explica Pum:—O serviço
É sempre pago depois.



Manda-se ir a céga-réga,
Sem destino, sempre a andar,
Nunca parando, não chega
O momento de pagar.

Bela ideia! exclama Pum,
Com manetinhas garotas,
—Olha, olha, lá vem um
Carro dos tais conta-gótas.



Para onde, meu menino?
Pergunta o chauffeur ao Pim.
—Sêca e Mêca, sem destino,
Por esta rua sem fim.



Passam palácios, pátthotas,
Torres, pontes e gazometros...
Marca já o conta-gótas
Mil e quinhentos quilómetros.



Sol poente, sol levante,
Morre a noite, nasce o dia
E o chauffeur sempre ao volante,
Já tonto de sono guia.



Ao vélo dormindo, Pim
Propõe saírem os três,
E vão saltando um a um,
Fugindo em bicos de pés.

Mas vendo-se em um lugar
A muitas leguas dos Pais,
Desatam a soluçar,
Jurando que nunca mais.

E eis d'alma arrependida,
Pela partida pregada!
Pois quem pensar na partida,
Deve pensar na chegada.



(Continuação do conto A BONECA)

justa para a compra da boneca; nem mais era preciso! Desceram a tal certa rua, da tal certa casa onde moravam, cortaram por certa travessa da tal certa cidade onde viviam, meteram por certa praça e quando já estavam na tal certa rua onde havia a tal certa montra ostentando a tal certa boneca, um pobresinho e uma pobresinha com dois filhinhos pequenos, apareceram a pedir esmola e a chorar tanto que até cortava o coração ouvi-los e era uma dor-de-alma vê-los!...

Já junto da montra, a menina olhou a boneca e olhou em seguida os pobresinhos. Depois olhou a «miss» que olhava para ela e lhe dizia: — Então... vamos comprar a boneca! Mas, de repente, tirando de uma bolsinha de prata todo o dinheiro que trazia para comprar a boneca, a bondosa menina entregá-o aos pobresinhos dizendo para a «miss»: — vou tornar a juntar dinheiro para comprar a boneca!

A «miss» ainda quiz tirar o dinheiro da mão dos pobresinhos, mas a menina opôz-se, dizendo que o dinheiro era seu, havia-o juntado a pouco e pouco, podia, portanto, gastá-lo como quizesse. E voltou para casa sem a boneca mas toda contente por haver feito uma acção tão bonita.

*
* *

E como esta historia, que é verdadeira, se houvesse passado na véspera da noite de Natal, vai nisto... disse o menino Jesus ao Pai Natal. E' preciso, meu velho amigo, mandar fazer aos anjinhos uma boneca igual á que a menina viu e tanto desejou. Que esteja pronta amanhã, sem

(Continúa na pagina n.º 6)

DATAS CELEBRES

25 de Dezembro

Meus meninos:

O dia 25 de Dezembro é a data célebre do mundo; do mundo civilizado. Faz anos Nosso Senhor. E' o dia dos anos do Menino Jesus. Para quem é religioso, é um dia que deve ser de contentamento e de gratidão por esse Menino-Deus que se fez homem a fim de lançar, com a sua bela palavra e o seu nobre exemplo, o arrependimento dos pecados no coração dos povos e assim, remindo as almas, salvar a Humanidade. Para quem não seja religioso, o dia mais respeitado, porque é o dia, oficialmente, consagrado á comunhão espiritual da Família.

Sem culto nem Tradição, isto é, sem respeito pelo Presente e devoção pelo Passado, não se pode sentir a alegria de viver que só provem da consciência e do cumprimento das nossas obrigações que são os nossos deveres.

Faz, pois, no proximo dia 25 de Dezembro, 1925 anos que, num palheiro em Bethlem entre ovelhinhas, jumentos, pombas e boisinhos, nasceu, pobremente, o mais rico menino de todo o mundo. Rico porque tinha um coração de ouro e uma sabedoria divina que valiam mais do que todas as riquezas do mundo, retinidas.

Amava muito os meninos; é justo, portanto, que os meninos o amem,

A. de S. R.

A SEMANA DO



O palhaço mais pequeno que está actualmente no Coliseu dos Recreios.

BREVEMENTE:

Dois grandes
concursos
para meninos

TERRAS DE LONGE E DE PERTO

Bethlem

E' esta a terra mais formosa do mundo porque é a do nascimento do Menino Jesus.

Chama-se hoje Beit Lahm.

E' uma pequena cidade, cidade-sinha que parece, vista a distancia, um brinquedo, e fica a oito quilometros de Jerusalem. Situada num ponto admirável, sobre uma colina toda plantada de vinhas e oliveiras, donde a vista se estende, dum lado até aos altos zimbórios e minaretes de Jerusalem; do outro, até á cordilheira azulada de Moab antigo povoado de pastores arabes,

Bethlem é celebre, entre varias razões, principalmente por nela haver nascido Nosso Senhor Jesus Cristo.

Desde os primeiros tempos do Cristianismo Bethlem tornou-se um dos santuarios mais venerados da nova religião.

Na extremidade Este do pequeno burgo, a Igreja de Santa Maria ou da Natividade, que assim se chama tambem, eleva-se por cima da gruta onde, conforme a tradição, nasceu Jesus. Foi começada por Santa Helena e acabada pelo Imperador Constantino no ano 330.

Esta Igreja em forma de Cruz está dividida entre os cristãos do rito grego e os do rito armenio; os latinos possuem a gruta da Natividade, onde um bloco de mármore, incrustado de jaspe e cercado de prata, marca o lugar tradicional onde a Virgem Maria teve o Menino Jesus.

A BONECA, Conto do Natal

(Continuado da pagina 5)

falta, a esta hora e tu mesmo a irás depôr, em meu nome, ao pé do sapatinho que a menina porá na chaminé.

Pai Natal todo satisfeito pela incumbencia do menino Jesus, foi direito á sua oficina e pôz todos os anjos a trabalhar na confecção da boneca.

Na noite seguinte, ao darem doze badaladas numa certa torre de uma certa igreja, Pai Natal descia todo contente do céu com a boneca na mão e enfiando pela chaminé da tal certa casa, onde morava a tal certa menina, que tanto desejava a tal certa boneca, que tinha visto na tal certa montra, foi colocá-la ao lado do sapatinho, pon-do dentro dele um bilhete escrito pelo menino Jesus, que por sinal tinha uma letra, parecida com a do papá da menina, dizendo assim:

Visto que quem dá aos pobres
empresta a Deus...

O Menino Jesus

paga o que deos.

Calcule-se a grande alegria da tal certa menina ao receber das mãos do menino Jesus uma boneca igual á tal certa boneca que tanto desejava.

AUGUSTO DE SANTA-RITA.

HORA DO RECREIO

FISICA SEM APARELHOS

A experiencia que representa a nossa primeira gravura e que consiste em colocar um objecto sobre tres barras, postas de tal maneira, que cada uma d'estas tenha um dos extremos no ar, por cima de uma superficie plana sobre a qual se apoiam os outros seus extremos, é extremamente antiga.



«Para fazer com que tres barras de madeira ou tres facas se sustentem umas ás outras elevadas no ar, quando estão apoiadas cada uma por um dos seus extremos sobre uma mesa, e ainda mesmo que estejam carregadas com um peso, sem que jamais possam cair, incline-se sobre a mesa uma das tres barras, de modo que ficando apoiada sobre a mesa, por um dos seus extremos, o outro fique levantado no ar. Atravesse-se por cima d'essa barra, uma das outras duas igualmente com um dos extremos levantado no ar, e assentando sobre a mesa pelo outro.

Enfim, disponha-se como um triangulo a terceira barra, de modo que apoiando-se sobre a mesa por um dos extremos, passe por baixo da primeira, e assente sobre a segunda. Então as tres barras, cruzando-se d'essa maneira,

suster-se-hão mutuamente, não poderão cair, quando sejam carregadas com alguns pesos, a menos que não verguem ou se não quebrem se o peso for excessivo, porque se for mediocre, servirá antes para fortalecel-as, e mantel-as assim levantadas no ar por um dos extremos, do que para fazel-as cair».

A experiencia executase facilmente, como a nossa primeira gravura, o indica, com tres reguas prismaticas de madeira, sobre as quaes se coloca um copo cheio d'agua ou outro qualquer objecto.

A figura 2 representa uma variante d'esta experiencia curiosa: consiste em colocar tres facas sobre tres copos, pela forma que a figura indica. Não só dispondo convenientemente as facas, folhas contra folhas, elas se sustentem mutuamente, como tambem se pode colocar sobre elas um objecto bastante pesado, como, por exemplo, uma garrafa cheia d'agua, sem que o equilibrio do fragil edificio seja por forma alguma destruido. Estas experiencias podem ser variadas de mil maneiras diferentes, e feitas com objectos muito diversos.



ADIVINHAS

1

Qual a coisa que no mar
Vem com seu manto de arminho,
E outras vezes sobe ao ar,
Em fórma de balõesinho?!

2

Tem aza mas não tem pata,
Senhor de um bico, não briga;
E' de louça ou é de prata
E traz um rei na barriga?

3

Na mesa de cabeceira
E' raro não se encontrar,
Mas não é p'ra brincadeira
Se serve p'ra castigar?

Decifração das anteriores:

1 — Chuya. 2 — Viuva (passaro africano).
3 — Vela.

Anedotas infantis

I

Fôto pede a seu pai com muita insistencia:

— Paisinho, compras-me uma corneta?

— Nessa não caio eu, porque me fazias a cabeça em agua.

Ao que Fôto replicou:

— Mas eu prometia nunca tocar senão quando estivesse a dormir.

II

Os meninos sabem, com certeza, que os espanhois sendo muito boas pessoas, gostam de exagerar um pouco, quando se trata de valorisar as riquezas da sua patria.

A este respeito, conta-se que fa-

lando com um portuguez um espanhol ácerca da boa hortaliça da sua terra, afirmou que havia lá uma couve tão grande que podia abrigar um regimento de soldados debaixo das suas folhas.

O portuguez ouviu e não disse nada; mas pouco depois, referindo-se a uma loja de funileiro que visitára numa aldeia em Portugal, afirmou lá ter visto um caldeirão onde cabia á vontade toda a gente da aldeia.

Hombre, exclamou o espanhol muito admirado, mas para que servia ele?

— Para cozer a couve da sua aldeia — respondeu o portuguez, malicioso.

LIÇÃO DE DESENHO



Como se faz um elefante.



Oração de um menino bom em vespera do Natal

O meu Menino Jesus,
 Todo envolvido na luz
 Que de ti mesmo provem,
 Como tu és generoso
 E gostas de fazer bem!

Que bondoso
 Que tu és!

Tu fazes anos, e em vez
 De aceitares um presente,
 És tu que o vens dar á gente,
 Através
 Das chaminés!

O meu Jesus pequenino,
 Meu Menino,
 Meu Encanto,
 Os homens, cá neste mundo,
 Trataram-te sempre mal:
 E apesar disso, no entanto,
 Pela noite de Natal,
 Tu descas do azul profundo,

E de lá
 Dos Infinitos,
 Vens inda encher de bonitos,
 Através
 Das chaminés,
 Os filhos da gente má,
 Que tanto mal cá te fez!

Meu Jesus pequerruchinho,
 Faze que no sapatinho,
 Que eu na chaminé vou pôr,
 Apareça algum dinheiro;
 Para, em teu nome,
 Senhor!
 Eu poder matar a fome
 Do primeiro
 Pobresinho
 Que eu encontre no caminho...
 E embora cheio de fé,
 Não possua chaminé
 Onde ponha o sapatinho!

(Inédito)

Augusto de Santa-Rita